

O PROJETO MULHERADA NO BAIRRO DUNAS: DESENVOLVENDO A EXTENSÃO NA COMUNIDADE.

SARAH LEÃO LOPES¹
MARIA FONSECA FALKEMBACH²

Universidade Federal de Pelotas¹ – sarah.leao.lopes@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas² – maria.falkembach@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente relato aborda a experiência do projeto de unificado Tatá - Núcleo de dança-teatro (UFPel) com a ação de extensão de nome “Mulherada”, cujo objetivo é trabalhar a dança contemporânea com mulheres do bairro Dunas, visando criação e produção de obras cênicas em contexto de ensino não formal. A intenção do projeto também se estabelece em criar uma via de contato da periferia com a universidade, descentralizando as articulações acadêmicas e indo de encontro a outro nicho da população habitante da cidade de Pelotas. Dessa forma, os encontros e ensaios do Tata se estabeleceram no CDD (Centro de Desenvolvimento Dunas), espaço cultural gestionado por moradores do bairro e que abriga diversas iniciativas populares. A ideia do projeto vai de encontro a perspectiva libertária sobre a educação, compreendendo que as práticas pedagógicas construídas em conjunto têm grande potencial emancipatório, tal como argumenta HOOKS(2013), tendo como foco o desenvolvimento de práticas de artes cênicas em comunidade (NOGUEIRA, 2017).

2. METODOLOGIA

O Tatá é um núcleo de dança-teatro que desenvolve trabalhos de dança contemporânea. Porém, no contexto do *Mulherada*, a metodologia compreende criar proposições que viabilizem o acesso das mulheres do Dunas a um ambiente afetivo de criação em artes cênicas. Este trabalho não começa nem termina nos ensaios, mas perpassa pela criação progressiva de uma relação sensível com o bairro num modo geral.

Esse envolvimento que se atenta às diversas questões sensíveis que atravessam os processos em educação, tem como referência o que é conhecido enquanto “pedagogia engajada” (HOOKS, 2013). Tal visão dá ênfase ao “bem estar” e a “autoatualização” dos alunos, compreendendo que as aulas são momentos de troca e que nosso trabalho enquanto educadores é o de “participar do crescimento intelectual e espiritual dos alunos” (HOOKS, 2013). A ação do Tatá, portanto, é coletiva e processual.

Os outros passos que definem os procedimentos metodológicos de fundamentação do projeto se dão pelo trabalho de base. Primeiramente, foi preciso estabelecer contato com um movimento político interno do bairro, que, no caso, é a gestão responsável pelo Centro de Desenvolvimento Dunas (CDD), escolhido enquanto local físico para realizarmos nossos encontros.

O movimento seguinte foi o de conseguir acessar nosso público alvo, as mulheres do bairro. Sendo assim, um material gráfico foi criado e distribuído em locais estratégicos, como o próprio CDD, a UBS (Unidade Básica de Saúde) e as ruas próximas ao CDD. Foram deixados panfletos e cartazes nos comércios da

região e também conversamos pessoalmente com as mulheres que circulavam pelas ruas, chamando para conhecer o projeto e estimulando a trazerem mais mulheres. Neste viés de uma perspectiva de arte produzida em comunidade, considero que o Tatá atualmente se desenvolve dentro de uma classificação conhecida como “Teatro por comunidade”, tal qual define Márcia Pompeo Nogueira:

Teatro feito pelo povo representa um processo que envolve a comunidade durante todo o processo, incluindo a construção do texto, que é baseado nas próprias pessoas e seus problemas. Aqui a comunidade é convidada a se envolver desde a identificação do foco do trabalho teatral até a atuação na apresentação final. O que prevalece é a ideia de dar ao povo os meios de produção teatral. Teatro é praticado como uma arena dramática onde os assuntos das pessoas são apresentados, compartilhados entre diferentes membros das comunidades, de forma a fortalecer as pessoas, para agir como um meio de comunicação entre diferentes setores da comunidade e mesmo entre diferentes comunidades, enquanto uma forma de identificar e solucionar os problemas, de compartilhar histórias. O processo de dar forma a essa nova prática teatral não tem sido fácil. Experimentos vêm acontecendo desde 1970, construindo, na prática, as ideias de Boal e Freire. Parece ser um imenso processo de aprendizagem que vem acontecendo em diferentes países.(NOGUEIRA, 2015)

É realmente desafiador desenvolver um trabalho como o que estamos estruturando no Tatá, pois representa uma quebra com a cultura de realizar projetos em espaços já propícios para seu desenvolvimento. Antes os encontros do Tata ocorriam nos prédios da UFPel, tendo como participantes alunos oriundos dos cursos de dança e teatro, pessoas com noções já desenvolvidas sobre artes cênicas e expressividade. Agora nos interessa não somente nos deslocarmos dos eixos universitários, mas acessarmos mulheres diversas que podem ter algum, ou nenhum, contato com a dança e o teatro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro passo para chegarmos até as mulheres do dunas começou no contato com os coordenadores da atual gestão do CDD. Neste momento inicial ouvimos de S., uma das gestoras responsáveis, a crítica pontual sobre a descontinuidade da extensão na comunidade. É recorrente a entrada de projetos com prazos muito curtos e que mesmo que contribuam para algum benefício cívico e cultural do bairro, não se desenvolvem pelo limite de tempo. O CDD é um espaço apto para receber projetos que proponham ações continuadas, como por exemplo, o coletivo Usina Feminista.

Vale ressaltar que atualmente o espaço do CDD conta com uma horta comunitária, aulas de *taekwondo*, zumba, ginástica, dança para adolescentes, um estúdio musical, e também auxilia as mulheres da região com a doação de cestas básicas e itens de hortifruti oriundos de agricultura familiar.

Toda essa articulação integrada que vai de encontro ao desenvolvimento autônomo e autogestionário do bairro forma o CDD como um espaço plural e politicamente posicionado. Essas características são contundentes para o diálogo com a extensão universitária e com a proposta que está sendo desenvolvida pelo Tatá. Uma forma de assegurar a continuidade das ações foi deixar evidente que o

projeto foi cadastrado no sistema acadêmico enquanto ação de longa duração, estabelecendo relações de confiabilidade da universidade para com o bairro.

O início que precedeu os primeiros encontros do projeto foi marcado por contratemplos, uma vez que a coordenadora do Tatá precisou se afastar por questões de saúde, portanto nosso primeiro encontro precisou ser adiado para a semana seguinte. Pensamos que o imprevisto poderia desarticular as mulheres que haviam se sentido tentadas a conhecer o projeto de perto, mas na semana seguinte tivemos a oportunidade de encontrar sete mulheres presentes.

Nossa equipe de base é composta atualmente por três pessoas, a coordenadora do projeto, G., egressa do curso de dança e membro do Tatá, e eu enquanto bolsista. Durante a ausência da coordenadora, organizamos nossos encontros desenvolvendo dinâmicas que envolviam o espaço, com caminhadas coordenadas por comandos de velocidade, e ações cotidianas transformadas em matéria de experimentação cênica. Quando a coordenadora retornou, incluímos técnicas de samba nas experimentações. Ficamos então entre o samba, a performance, o estado de jogo, os movimentos do cotidiano.

Algumas questões estão se tornando cada vez mais evidentes para nós, como por exemplo, a eficácia de envolver a ludicidade, o estado de jogo, e outras práticas que nos coloquem em relação, como cirandas e brincadeiras tradicionais. Porém, a assiduidade das mulheres durante os encontros segue sendo um ponto desafiador.

Nesses últimos meses de trabalho, recebemos muitas mulheres que chegavam até nós por indicação, ou por terem conhecimento dos encontros graças ao material de divulgação que deixamos nos lugares estratégicos. Porém, muitas não retornam por diversos motivos. Seja por uma rotina exaustiva de trabalho, por precisarem cuidar de crianças, pelo receio de andar à noite - pois nossos encontros ocorrem à noite - entre outras questões que na maioria das vezes envolvem a vida doméstica.

Neste aspecto, entramos no Dunas com uma visão de construção em dança de forma colaborativa, tendo abertura e sensibilidade para compreender o contexto das mulheres do bairro, buscando assim, meios para diagnosticar as causas que geram as dificuldades de acesso e continuidade. Desde o princípio nosso propósito maior é acessar mulheres diversas, mulheres que são mães ou cuidadoras, mulheres cuja carga de trabalho muitas das vezes não permite que haja lazer ou atividade física em sua rotina. Mulheres de diversos corpos e realidades.

4. CONCLUSÕES

Desenvolver um espaço de arte-educação num contexto não-universitário envolvendo a dança, numa linguagem contemporânea e performática, para um tipo em específico de público é um novo desafio ao qual o Tatá se propôs. Por isso nossas articulações não se limitam somente dentro do espaço de ensaios e aula, mas perpassam pela construção necessária de uma relação real com o bairro que nos recebe.

Sabíamos, de antemão, que precisaríamos criar estratégias para conseguir trazer as mulheres para um ambiente de experimentação e produção em artes cênicas. Nesse aspecto, o diálogo com as residentes do bairro foi, e segue sendo,



fundamental para que possamos compreender cada vez mais quais caminhos trilhar para chegarmos até elas.

O que o projeto "Mulherada" propõe é olhar verdadeiramente para as mulheres moradoras de espaços de vulnerabilidade social, buscando sempre criar um ambiente afetivo e seguro, compreendendo quais são as necessidades, anseios, dificuldades que existem e que podem ser tocadas por nós. Todo este trabalho de base faz parte do processo criativo ao qual estamos produzindo, visando desenvolver de forma processual um espaço com cada vez mais autonomia e possibilidade de criação. Contudo, sabemos que antes de chegar num produto final, é necessário chegar num modo que estimule as mulheres a se integrarem a esse ambiente, a olharem para si mesmas enquanto seres que produzem arte. A arte e educação podem ser práticas libertadoras, mas é preciso saber chegar nos lugares, encontrar maneiras de se aproximar das-pessoas, com respeito pelas suas memórias, com abertura para trocas, e humildade para aprender em conjunto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir: Educação como prática de liberdade.** São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes Ltda., 2013.

MEREB, H. P. **Loteamento Dunas e sua microfísica de poder/** Herberto Peil Mereb; Orientador: Mauro Augusto Burkert Del Pino. – Pelotas, 2011. 98f

NOGUEIRA, P. M. Teatro e comunidades. A experiência Brasileira. In: **Práticas Artísticas Comunitárias.** Porto/PT: PELE;CHAIA;FCT. 2017. Cap 1, p. 11 - 26.